

KANT E A FILOSOFIA: ENSAIO SOBRE O ESPÍRITO DA FILOSOFIA DE KANT

KANT AND THE PHILOSOPHY: ESSAY ABOUT THE SPIRIT OF KANTIAN PHILOSOPHY

*José Henrique Alexandre de Azevedo*¹

Resumo: É legítimo nos perguntarmos sobre o estatuto próprio da filosofia em sua generalidade? Penso que não. No entanto, creio ainda ser legítimo nestes nosso tempo ultramoderno nos questionarmos acerca do espírito de nossa era ou ao menos de uma filosofia específica que nos diga muito a respeito de nós mesmos e de nosso período histórico. Afunilando mais este mote pergunto: qual o espírito da filosofia kantiana? Kant, como todos sabem, é o responsável pela virada teórica na filosofia moderna, re-significando-a de modo a separar o que ele chama de dogmas e conhecimento, daquilo que é mero pensamento. Desse modo, proponho uma investigação acerca do espírito da filosofia kantiana, a partir de uma grande pista dada pelo próprio autor para tal, a saber, *o conceito de filosofia*, contido em sua *Lógica* de 1800. Com isso, pretendo mostrar que a filosofia kantiana em seu espírito não está dissociada da vida cotidiana.

Palavras-chave: Filosofia. Espírito. Cotidiano. Virada. Conceito.

Abstract: Does it legal asks ourselves about what is the philosophy in general? I don't think so. However, I think that is still legal in our ultramodern age ask ourselves about the spirit of our time or, at least, about a specific philosophy that say a lot of things about our historical age. Filtering that issue, I ask: what is the spirit of Kant's philosophy? Kant was the responsible for the theoretical turn in modern philosophy, re-meaning it and separating what he calls dogma and knowledge of what he calls mere thinking. Thus, I propose a investigation about of the spirit of Kant's philosophy, from a tip gave for the author: the *concept of philosophy*, enclosed in the *Logic* from 1800. Thereby, I pretend show that the Kant's philosophy spirit is not dissociated of ordinary life.

Keywords: Philosophy. Ordinary Life. Spirit. Turn and Concept.

* * *

Introdução

Afastei-me da filosofia no momento em que se tornou impossível para mim descobrir em Kant alguma fraqueza humana, algum acento de verdadeira tristeza; em Kant e em todos os filósofos.

Cioran (Breviário de decomposição).

Das várias indisposições que frequentemente flagelam-me e constantemente fazem-me interromper meu esforço intelectual [...] há uma que você pode ajudar-me: eu não estou exatamente constipado, mas tenho dificuldade e muitas vezes evacuação insuficiente toda manhã, de modo que as fezes que ficam acumuladas tornam-se a

¹ Mestrando em filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Pesquisador CAPES/REUNI.

causa, não apenas daqueles gases que eu havia mencionado, mas também do meu cérebro enuviado (clouded brain).

Kant (Carta a Markus Herz de 20/08/1777)

Ao afirmar que se afastou da filosofia por não notar na filosofia kantiana nenhum traço de humanidade, Cioran esqueceu-se que as filosofias são feitas por homens, que ficam constipados e soltam gases, amam e odeiam, que vão à quitanda comprar frutas e aos bordéis visitar o baixo ou o alto meretrício; as filosofias saem das mentes de homens, enfim.

Kant foi um homem de sua época, que lidou com os problemas que eram patentes a sua volta, problemas estes, sem a menor sombra de dúvida, eminentemente humanos. O filósofo não é, fundamentalmente, aquele que segue uma certa filosofia, mas aquele que cria sua própria. Talvez meu muito estimado Cioran tenha compreendido a filosofia kantiana pelo viés da interpretação corriqueira das mentes enfadonhas, ou seja, uma doutrina pensada por um homem recluso em suas ideias e no calor do seu quarto em volta da fria e cinza cidade de Königsberg, sem esposa, ou algo que o valha, e sem filhos. As grandes companheiras de Kant, salvo o brutamontes Lampe, eram suas ideias.

O homem e o filósofo não são seres dissociados que vem à tona em horas diferentes do dia e Kant notou muito bem isto. Ora, ao afirmar que “o filósofo é um legislador” (*Lógica*), já de pronto se expõe que o caráter de sua filosofia visa o mundo empírico, uma vez que um legislador é aquele que postula fins para a humanidade, aquele que legisla; enfim (pretensioso como qualquer filósofo digno desta alcunha). Entretanto, tais leis são bem mais um procedimento metodológico de acordo com os fins postulados do que propriamente um modo de acesso cognitivo e certo em última instância a tais fins. O filósofo deve pensar o destino deste aglomerado de seres ditos inteligentes conhecidos em seu todo por humanidade.

Com efeito, tudo isto significa que o filósofo descobre ou postula leis com o intuito de serem seguidas pelos habitantes do mundo empírico, e não num céu, comandado por um Deus bondoso; ou seja, tem por objetivo dizer respeito à comunidade dos homens, ou mesmo ao homem comum. O espírito da filosofia kantiana está voltado ao mundo das vivências cotidianas e o verdadeiro filósofo, no sentido estrito da palavra na perspectiva de Kant, também é um homem que segue leis, antes de ser um daqueles habilidosos professores que sabem divinamente bem articular os conceitos propostos durante a história da filosofia. Ele é homem antes de ser filósofo.

Ora, estas palavras iniciais nos mostram que este ensaio tem por objeto algo de difícil acesso e rude entrada. Refiro-me ao espírito da filosofia kantiana, aquilo que podemos deduzir a partir da tênue leitura das entrelinhas, da interpretação como viés ativo dos textos. A pergunta que permeia estas palavras é: qual o espírito da filosofia kantiana e de que modo ela se desdobra em alguns de seus escritos? Por ventura, está questão está posta em um local não usual na disposição do texto, uma vez que já esbocei uma resposta no início do escrito. Entretanto, creio não ter exposto ainda de modo satisfatório tais assertivas. Assim, faz-se mister expor que tal tese que permeia este escrito é a seguinte: A filosofia kantiana não é dissociada da vida do homem comum, uma vez que mesmo em seu viés mais abstrato (a lógica) ela tende uma antropologia; mais precisamente: O espírito da filosofia de Kant concerne ao mundo das vivências cotidianas.²

O caráter mundano da Filosofia

Kant, felizmente (ou não), facilita-nos a pesquisa; ou melhor, em parte. Ele nos mostra o que pensa ser o seu projeto de filosofia. Com isso, uma vez que entendamos o que o autor pensa ser a filosofia, conseqüentemente compreenderemos o espírito de sua filosofia e tal projeto de filosofia aparece de modo bem definido em uma obra compilada por um amigo e editor seu e assinada pelo próprio Kant. Refiro-me evidentemente às *Lições de lógica* de 1800, obra que tem um viés puramente didático, haja vista que foi compilada por seu editor, Jäsche, a partir dos alfarrábios direcionados as aulas. Logo na introdução Kant nos delinea a chave para compreendermos sua filosofia:

A Filosofia é, pois, o sistema dos conhecimentos filosóficos ou dos conhecimentos racionais a partir de conceitos. Eis aí o conceito escolástico dessa ciência. Segundo o conceito do mundo, ela é a ciência dos fins últimos da razão humana. Este conceito ativo confere dignidade, isto é, um valor absoluto, à Filosofia. E, realmente, ela também é o único conhecimento que só tem valor intrínseco e aquilo que vem primeiro conferir valor a todos os demais conhecimentos.

A gente termina sempre por perguntar: para que serve o filosofar e o fim último do mesmo – a própria filosofia considerada como ciência segundo *o conceito da escola?*

Nesse significado escolástico da palavra, a Filosofia visa apenas *a habilidade*; relativamente ao conceito do mundo, ao contrário, ela visa

² Com isso, não pretendo absolutamente transformar Kant em um filósofo existencialista ou algo de caráter parecido. Mas, somente expor a tese de que a sua filosofia não tende aos céus e à divindade, senão como função metodológica de regulação da vida terrena.

a utilidade. Do primeiro ponto de vista ela é, pois, *uma doutrina da habilidade*; do último, uma *doutrina da sabedoria*:- a legisladora da razão, e nesta medida o filósofo não é um *artista da razão*, mas um *legislador* (KANT, *Lógica*, pg. 41).

Este excerto nos mostra talvez o ponto fulcral para um bom entendimento da obra de Kant. Ele delinea aqui várias noções extremamente importantes para a nossa investigação, mas por conta do caráter limitado a extensão deste texto analisarei apenas algumas destas e, desse modo, uma delas tem um caráter especial inicialmente, a saber, a de mundo; Kant se refere ao conceito de mundo como a “soma total de todas as aparências” (A 507/B 535) na *Crítica da Razão Pura*, concernindo evidentemente ao conceito cosmológico contido na dialética transcendental da sua primeira crítica.

De fato, tal conceito enunciado de modo cosmológico nos será útil para expor que Kant, ao estabelecer os limites do conhecimento, critica, ao mesmo tempo, as filosofias anteriores, por conta justamente de proporem um conhecimento objetivo daquilo que não é passível de intuição, a saber, o mundo enquanto totalidade. O autor desloca assim este conceito para a causalidade de objetos, pois enquanto por um lado crava que apenas é possível conhecer aquilo que é passível de intuição empírica, por outro lado respeita o que ele chama de exigência da razão, que a partir de objetos da intuição pretende ir além do fenômeno, postulando ideias que tenham a função de regular um mundo moral: as ideias transcendentais.

Com isso Kant dá um novo significado ao conceito de mundo, em contraposição, mormente, à filosofia leibniziano-wolffiana, que divide o mundo em da natureza, cognoscível por meio de intuição sensível, e da liberdade, postulado por ideias da razão, faltando a ambos qualquer componente cognitivo, que sobreviva a uma crítica nos moldes kantianos. Devido a tese que permeia este ensaio se concentrar na filosofia mais abstrata de Kant (a lógica), não esboçarei qualquer rascunho acerca do mundo da liberdade, tampouco acerca de outras áreas para as quais a vida comum se desdobra, tais como a religião, a arte, etc. A lógica é o núcleo pelo qual Kant desvela sua filosofia e derrama seu conteúdo nas entrelinhas de seus outros escritos, sobretudo, na antropologia.

Desse modo, desconstruindo a reflexão kantiana podemos inicialmente notar três coisas de grande valia para este nosso projeto, a saber, 1) Kant faz uma contraposição entre seu entendimento da filosofia e o da assim chamada por ele de escolástica; 2) Para Kant, a filosofia é uma doutrina da sabedoria do mundo e, por

consequente, da utilidade das coisas objetificáveis; 3) O filósofo tem o papel de legislador. Analisemos tais assertivas parte por parte.

Da dogmática filosófica

1) Kant contrapõe a sua filosofia à escolástica por conta de sua separação bem clara entre filosofias dogmáticas, descendentes da metafísica, da sua própria, que tem a característica principal de saber os seus limites e as suas fronteiras cognitivas. Ora, um dogmático é justamente, definindo kantianamente, aquele que não submete suas ideias à crítica, ou seja, postula enunciados que tenham um semblante de verdade, mas que, de fato, não se sustentam em face de uma apreciação rigorosa. A filosofia alemã na qual Kant foi formado seguia a risca estas características, vide Leibniz ou seu sucessor Wolff, apenas para citar alguns. Estes são herdeiros, pois, daquela forma escolástica de compor soluções para alguns paradoxos sem a devida apreciação da realidade sensível, filosofias feitas na reclusão de mosteiros ou salas fechadas, pouco importando o que rodeia como objeto de efetiva apreciação³; Leibniz, por exemplo, concluiu ser a sensibilidade um conhecimento confuso, coisa que, entretanto, Kant acha enganoso, uma vez que a sensibilidade não se engana, pois não julga, visto que isto é papel do entendimento, ela é sim um conhecimento certo, mesmo que inferior.⁴

Para Kant, com efeito, há um outro significado para o termo dogmático que diz respeito diretamente a sua filosofia em seu aspecto mais interno. Refiro-me ao termo transcendental, que o alemão herdou da própria filosofia escolástica. No quadro referencial teórico da escola os transcendentais caracterizavam os atributos extra-categoriais dos entes: belo, bom, verdadeiro, uno, etc.⁵ Havia uma pretensão cognitiva no uso destes termos, contudo não existia uma apreciação adequada sobre a impossibilidade de ir além de um certo limite, na medida em que era ponto pacífico atribuir grande capacidade à razão; isto ocorria muito por conta de que Kant teve acesso a uma forma de saber, que se apresentava de modo ainda muito rudimentar nos áureos tempos da escola, a saber, a ciência modernamente entendida. Tal forma de saber

³ Falo de Leibniz apenas no que concerne ao caráter de sua filosofia, pois é sabido que Leibniz viveu atribuladamente, sendo um viajante que efetivamente viu o mundo.

⁴ Para um maior aprofundamento em relação a diferença entre a filosofia de Leibniz e Wolff e a de Kant: Cf. *A anfíbolia sobre os conceitos de reflexão (CRP A 316/B 360)* e também KANT, Immanuel. *Da utilidade de uma nova Crítica da Razão Pura* (Resposta a Eberhard) (Tradução, introdução e notas de Márcio Pugliesi e Edson Bini). São Paulo: Bini, 1975.

⁵ Sobre a questão dos transcendentais medievais e as raízes do pensamento moderno ver: VAZ, Henrique Lima. *Escritos de Filosofia VII: Raízes da Modernidade*. Edições Loyola, São Paulo: 2002.

mudou a mente dos pensadores de modo a influenciá-los diretamente, visto que passaram a ter uma nova relação com a natureza, ou seja, mudaram de um caráter especulativo para uma tentativa de formação rigorosa de teses. Com isso, é fato relevante que muitos filósofos também tornaram-se brilhantes cientistas ou apenas cientistas sem muita relevância: vide Hobbes, o próprio Kant, Descartes, Leibniz e etc.

Ora, o dogma foi dando lugar aos poucos à observação dos fenômenos empíricos e a uma nova forma de lidar e de ver o mundo. Surgiu uma nova mentalidade já notada em Nicolau de Cusa e que custou a vida de Giordano Bruno, isto é, a mudança da concepção grega de um mundo fechado em um Ser nos moldes parmênianos (Mesmo que a dita medievalidade concebesse a divindade como algo exterior e mantenedora desse Ser), em favor da concepção de um universo infinito sem começo meio ou fim, disforme por natureza. Com isso, as grandes discussões desta época se centraram no papel e no lugar de Deus neste universo e também em torno de descortinar as leis da natureza criadas pela divindade⁶. Pode-se, assim, facilmente perceber que o termo transcendental mudou sua feição, que pese ainda apontar para qualidades requeridas pela razão sem garantia da real existência de tais objetos, do qual Kant não foge por completo, mas apenas traça o terreno seguro para trabalhar de modo possível.

Portanto, a distinção feita por Kant entre a sua filosofia e aquelas de caráter escolástico serve como método de explicação daquilo que poderíamos propor como novidade esboçada nas entrelinhas da filosofia kantiana, a saber, uma nova noção de filosofia, devido à proposição de um novo paradigma para pensar o real, que se dá justamente por meio da crítica. Nessa esteira vem a reboque uma re-significação em massa dos conceitos filosóficos, tais como o de mundo, de empirismo ou objeto empírico, de vida comum e principalmente de filósofo, dentre outros; Este último, que pese não ser nova a sua tarefa própria, tem uma responsabilidade bem maior, por conta de possuir ferramentas bem mais avançadas que os ditos escolásticos para compreender a natureza e, por conseguinte, o mundo.

E a Filosofia o que é?

2) Com efeito, parece soar estranho que Kant possa definir a filosofia como

⁶ Sobre esta passagem de paradigmas ver: KOYRÉ, Alexandre. *Do mundo fechado ao universo infinito* (Tradução: Donaldson M. Garschagen). Rio de Janeiro, Forense Universitária: 2010.

uma doutrina da sabedoria do mundo por meio justamente da Lógica, daquela área do pensamento dita a mais abstrata possível. Entretanto, se analisarmos com acurada sagacidade veremos que a lógica não constitui em última instância o pensar em geral, mas somente uma ferramenta, que o pensamento faz uso com o intuito de ir além da mera forma, possibilitando novos conhecimentos acerca do mundo circundante, uma vez que o pensamento não se prende à abstração total dos elementos empíricos. A lógica deve vir acompanhada de um método, que visa a condição de pensar objetos e de aplicar esse conhecimento a objetos concretos. Tal método ganha a alcunha de método transcendental e lógica kantiana torna-se uma lógica transcendental.

A exposição satisfatória da função da lógica para Kant repercutirá na sua definição mesma de filosofia: “uma doutrina da sabedoria.” Também podemos interpretar que a lógica é o núcleo a partir do qual se irradia o espírito da filosofia kantiana. Com este mote podemos verificar que no prefácio à segunda edição da *Crítica da razão pura*⁷, Kant diz que desde Aristóteles parece espantoso que “a lógica não tenha progredido, parecendo, por conseguinte, uma doutrina acabada e perfeita” (B viii), concluindo assim ter de haver uma nova apreciação e significação desta ciência. Isto fica claro ao notarmos que a lógica geral se atém a mera “forma pura do pensamento” (CRP A 54/ B 78), enquanto que a lógica transcendental, moldada para ser algo novo, trata das leis do entendimento e da razão “na medida em que elas se relacionam a priori com objetos” (CRP A 57/ B 82). Ou seja, a lógica transcendental tem a função de relacionar os objetos intuídos por meio da sensibilidade com os conceitos a priori contidos no entendimento, a fim de exprimir juízos com caráter sintético. Desse modo, desloca-se a função da lógica transcendental em relação à lógica geral, na medida em que a primeira refere-se ao mundo por meio de juízos, mesmo que para ajuizar necessite das categorias, coisa que não exclui o caráter próprio deste tipo de relação filosófica entrevista por Kant.

A partir deste mote, podemos traçar de modo bem mais satisfatório o que Kant pensa ser o caráter próprio da sua filosofia. Primeiramente, devemos compreender que o alemão concebe a filosofia como sistema e que tal forma de expressão de seu pensamento está intrinsecamente ligada ao modo como ela é exposta e para onde ela aponta. Não é incorreto afirmar que a filosofia de Kant tem um caráter teleológico (teológico-racional), pois a obra mesma de caráter genealógico de seu pensamento

⁷ A partir de então tal obra será designada pela sigla CRP.

enquanto sistema, refiro-me à *Crítica da faculdade de julgar*, mostra-nos justamente que há um apaziguamento dos conflitos que envolvem as faculdades do entendimento, da imaginação e da razão através de postulados por meio desta última faculdade de finalidades boas as quais se destina a humanidade, trazendo a esperança e os sinais observados na natureza de que haveria realmente um criador que possuiria um intelecto superior. Contudo, tal modo de encarar a realidade, em última instância, concerne ao mundo empírico, uma vez que seja necessário, no cerne da filosofia moral de Kant, o postulado de um ser que regule em vista da ideia de bem as ações que são praticadas neste mundo. Ressalto, pois: *ações praticadas neste mundo*. Contudo, creio não ser necessário desenvolver esta tese, devido a liberdade possuir um caráter menos abstrato que a lógica, sobretudo porque esta última impregna a primeira com seus conceitos fundamentais.

Ora, nesta esteira, quando nos colocamos a tarefa de interpretar as entrelinhas da filosofia kantiana vem ao mesmo tempo por esse caminho a tarefa de entender o aparato conceitual que o autor trabalha e também contra quem este mesmo autor direciona suas assertivas. Como vimos no tópico anterior, Kant tem a pretensão de romper com o caráter especulativo-cognitivo da metafísica, propondo uma nova proposição limitada desta ciência. Para tal, devemos expor devidamente que há, com isso, um novo significado do conceito de abstração: tal conceito é revalidado em favor da noção de condição de possibilidade, que, por sua vez, remete à experiência. O que de fato quero chamar atenção é para o fato de que Kant usa um expediente lógico para dar significado as nossas experiências cotidianas: a imaginação cria esquemas para adequar os objetos às categorias do entendimento que, por sua vez, tornam a natureza significável para nós por meio de juízos, os tão famosos *juízos sintéticos a priori*.⁸

Assim, a própria noção de filosofia aponta para o mundo fenomênico ou mesmo para uma antropologia. Não me refiro a uma relação piegas, mas uma relação lógica e, poderíamos dizer humana, posto que todas estas relações cognitivas ou transcendentais se remetem ao desejo humano de ir além de si mesmo, mas sem esquecer da compreensão do seu redor. O que está a nossa volta é o foguete propulsor das ideias, que viajam nada mais nada menos com o intuito de explicar o que a sensibilidade

⁸ “Os esquemas dos conceitos puros do entendimento são pois as condições verdadeiras e únicas que conferem a esses conceitos uma relação a objetos, portanto uma significação; e as categorias, portanto, no fim de contas, são apenas suscetíveis de um uso empírico possível, servindo unicamente para submeter os fenômenos às regras gerais da síntese, mediante os princípios de uma unidade necessária a priori (em virtude da reunião necessária de toda a consciência numa apercepção originária) e, deste modo, torná-los próprios a formar uma ligação universal numa experiência.” (A 146/ B 185).

experimenta, desde o gozo sexual até mesmo à apreciação de uma boa música, do êxtase de ver seu time de futebol campeão até a tristeza do rompimento de um relacionamento com a mulher amada; tudo que experimentamos enquanto seres que vivem, enfim.

Todos os progressos na civilização, pelos quais o homem se educa, têm como fim que os conhecimentos e habilidades adquiridos sirvam para uso do mundo, mas no mundo o objeto mais importante ao qual o homem pode aplicá-los é o ser humano, porque ele é seu próprio fim último. - Conhecer, pois, o ser humano segundo sua espécie, como ser terreno dotado de razão, merece, particularmente, de ser chamado de conhecimento do mundo, ainda que só constitua uma parte das criaturas terrenas (KANT, 2006, pg 21).

Isso nos leva a pensar que a lógica não é a parte última e principal do pensar em geral, mas somente uma ferramenta que o pensamento faz uso com o intuito de ir além da mera forma, possibilitando novos conhecimentos acerca do mundo, na medida em que o pensamento não se prende apenas à abstração total dos elementos empíricos, mas pretende uma sabedoria do mundo. Isto explica, enfim, o motivo pelo qual Kant definiu seu conceito de filosofia por meio justamente da lógica. A filosofia é, portanto, a doutrina daquilo que devemos saber e daquilo que temos de concluir sobre o mundo (numa perspectiva teleológica); filosofia é sabedoria e é por meio desta que a lógica derrama sobre toda a filosofia kantiana sua marca, tornando-a unitária em seu espírito.

O filósofo e seu papel

3) Ora, como bom filósofo Kant não fugiu à regra de sua classe, haja vista que desde a antiguidade um filósofo que se presa é aquele que regula o seu redor, propondo, ou na maioria absoluta das vezes, estabelecendo arbitrariamente leis que devem moldar o modo de ser das pessoas (vide o exemplo de Platão, que expulsou os artistas de sua república e tentou instalar a democracia em Siracusa⁹ ou mesmo Heidegger, que, de modo pior que Platão, assumiu a reitoria da universidade de Freiburg e perseguiu seus colegas professores que eram contrários ao regime nazista). O que Kant quer nos dizer é que o filósofo não é aquele, como já me referi, que sabe articular conceitos habilmente de modo a montar um quebra-cabeça sem utilidade alguma para a vida mundana. Pelo

⁹ Louvor aos siracusanos que o venderam como escravo, mas veneravam Arquimedes que criava máquinas para a proteção de sua bela cidade.

contrário, o filósofo é aquele que legisla, colocando ou sugerindo fins para a humanidade, mostrando, com isso, numa análise um tanto quanto psicológica que este ser tem a pretensão de regular, de mandar, de estabelecer aquilo que é legítimo. Talvez seja este o maior defeito do filósofo, ao invés de uma qualidade, entretanto no bojo da filosofia de Kant é esta a sua característica mais iminente.

Ora, a expressão exata que o alemão usa para definir os pseudos-filósofos é *artista da razão (vernunftkünstler)*, que se apresenta como uma figura muito comum na história do pensamento filosófico. “Sócrates o chama de filodoxo”¹⁰, diz Kant, por não contribuir para uma melhora das condições de vida dos seus congêneres ou por conta de se ater demasiado ao saber especulativo, manejando, por vezes, com extrema elegância e eloquência os conceitos cunhados durante a história da filosofia, mas de raso alcance no que concerne à vida cotidiana; entretanto, o filósofo deve ter um papel diferente no contexto da sociedade em que vive, ele deve se ocupar com os destinos do homem, sem esquecer, logicamente, o seu círculo social e afetivo. Um homem nunca será um homem sozinho, mas apenas em comunidade, o que não o invalida de ser senhor de sua subjetividade (obviamente, quando suas condições materiais de existência o permita); com isso, devemos chamar a atenção para o fato de que o filósofo não é um artista, nos moldes que Kant expõe, que está apartado do seu redor, divagando sobre excrescências e insignificâncias; absolutamente. O autor nos adverte qual o verdadeiro papel do filósofo:

Portanto, o filósofo deve poder determinar

- 1) as fontes (**Quellen**) do saber humano,
- 2) a extensão (**Umfang**) do uso possível e útil de todo saber e, finalmente,
- 3) os limites (**Grenzen**) da razão.

A última tarefa é a mais necessária e a mais difícil também, embora ela não preocupe o filodoxo.

Duas coisas principais caracterizam propriamente o filósofo: 1) a cultura do talento e da habilidade para empregá-la numa diversidade de fins, 2) a perícia no uso de todos os meios para fins quaisquer (KANT. *Lógica*, pg 53).

Ora, podemos interpretar por meio destas palavras que 1) o filósofo tem de conhecer a história da filosofia com o intuito de adquirir cultura, devendo saber, impreterivelmente, de onde provém certa leva de conceitos que constituem seu quadro

¹⁰ KANT. *Lógica*. Pg 51.

referencial teórico¹¹; 2) tem também de utilizar seus conhecimentos de modo que a cultura em geral e a humanidade possam fazer um bom uso de seus resultados teóricos (Talvez Kant tenha ficado no meio do caminho em relação a Marx, quando este delinea a 11ª tese contra Feuerbach, no entanto é necessário sim interpretar o mundo, que pese a grande virtude da interpretação esteja mesmo na possibilidade de mudá-lo) 3) também nunca devemos nos esquecer que Kant tem em mente a noção de limite em sua filosofia, demarcando o papel que é devido à filosofia e neste contexto vem a reboque o dever do filósofo, que também deve possuir em sua consciência a noção de limite em seu horizonte, mas um limite que não deva coagir o papel verdadeiro do filósofo que é o de legislador.

Todavia, há também um outro lado desta noção de filósofo que merece uma apreciação especial por nós contemporâneos, que se apresenta deveras interessante em face nossa abordagem perante à filosofia, a saber:

Não se pode aprender Filosofia já pela simples razão que ela ainda não está dada. E mesmo na suposição de que realmente existisse uma, ninguém que aprendesse poderia se dizer filósofo; pois o conhecimento que teria dela seria sempre um conhecimento tão somente histórico subjetivo [...] Quem quer aprender a filosofar tem o direito de considerar todos os sistemas da filosofia tão somente como uma história do uso da razão e como objetos do exercício de seu talento filosófico. O verdadeiro filósofo, portanto, na qualidade de quem pensa por si mesmo, tem que fazer um uso livre e pessoal de sua razão, não um uso servilmente imitativo (Kant, *Lógica*, pg 42).

Não sentiram os senhores o tapa dado por Kant em nossas faces brasileiras? Nessas faces acadêmicas que julgam fazer filosofia imitando servilmente e despudoradamente as filosofias de outrem, sob o mísero motivo de que é esse o modo mesmo de filosofar em terras tupiniquins? Tudo o que a academia e os acadêmicos fazem hoje tanto no Brasil quanto em alguns determinados lugares do mundo é se disfarçarem de intelectuais que sabem manejar os conceitos da história da filosofia sem serem capazes de avançar um milímetro além destes ou mesmo de propor ideias próprias. Ainda hoje, século XXI, vivemos, como muito bem viu Néilson Rodrigues, de reproduzir nossa síndrome de cachorros vira-latas, que não assumem a própria face enquanto algo a ser mostrado e triturado, se for o caso. De modo piorado se apresenta o posto dos ditos orientadores de teses e dissertações, que em sua maioria não permitem

¹¹ Talvez Kant não siga à risca isto, vide a semelhança de sua filosofia moral a de Agostinho, seguida pela falta de citação deste filósofo patristico.

que seus orientandos pensem por si mesmo, que se expressem por meio de suas próprias opiniões sobre aquilo que os inquietam; Convoco a todos a destruir as obras dos nossos mestres, pois, como diz Kant, “todo pensador filosófico constrói, por assim dizer, sua obra sobre os destroços de uma obra alheia.”¹²

Não quero absolutamente dizer que a exegese dos textos não seja importante e que a academia deva resguardar-se ao mostrar aos seus jovens membros como interpretar de modo satisfatório um texto filosófico, não digo isto em absoluto. O problema é que, em geral, a academia tolhe os talentos filosóficos que se apresentam a ela, muitas vezes, por conta de uma menor atenção por parte destes de uma exegese canônica dos textos em favor de ir além, de expor propriamente ideias. Devemos observar a metáfora que diz ser necessário subir nos ombros dos gigantes para enxergar longe. Todavia, não é permitido crescer dentro da academia, senão enquanto *artista da razão*, que por conta de nunca ter sido estimulado a pensar por si, passa toda uma vida acadêmica repetindo outrem, tal qual papagaios que não sabem de fato o teor semântico daquilo que repetem, não havendo motivação para a interpretação dos acontecimentos do cotidiano. Não vivemos mais neste mundo? Em tempos de primavera árabe, guerras contra os ditos terroristas, holocausto televisionado do povo palestino, etc. Não vemos os grandes orientadores esboçarem uma única mísera linha a respeito, tampouco balbuciam uma mal pronunciada palavra em suas aulas acerca destes temas. Repito meu questionamento: não vivemos neste mundo?

Tristes trópicos filosóficos. Quando um filósofo bem visto na academia, como é o caso de Kant, nos bofeteia a face desta maneira devemos parar para pensar: qual o nosso papel na sociedade? Devemos propagar a cultura pela cultura ou temos de mostrar a utilidade da nossa ciência? Realmente não sei, mas tenho a plena convicção que o papel do filósofo passa pelo seu ensinamento de base que em meu ver, e pelo que parece no de Kant também, teríamos de ensinar a pensar criticamente e a contestar as contradições e atrocidades que presenciamos no mundo que nos rodeia através dos textos de filósofos de verdade, contudo não é permitido entrar no debate com as nossas próprias ideias, autorizando apenas repetir o já dito; um fatigante mais do mesmo. Os acadêmicos devem parar para refletir se realmente seu papel deve ser de *artista da razão* que tolhe seus pupilos, que queiram dar uma utilidade ao pensamento filosófico ou o de filósofo da definição kantiana, que tenha a seu lado outros críticos legisladores.

¹² KANT, *Lógica*, pg. 42.

Desculpe-me pela digressão, caro leitor, mas creio ser pertinente.

Conclusão

Portanto, a filosofia durante sua história nos mostrou que houve cortes em sua carne, que homens ousaram pensar e contrapor seus mestres, por meio de um fio condutor para suas obras, mesmo que esse fio tivesse de mudar de direção várias vezes. A filosofia desde seu surgimento tentou mostrar ao homem que ele é mais do que realmente é, que ele tem uma faculdade que fundamenta tal pretensão sem o menor ressentimento: a razão. Ora, vide o *Fédon* de Platão, *A natureza do bem* de Agostinho ou mesmo o *Discurso de metafísica* de Leibniz, só para citar algumas pretensões fundamentais do humano contidas em algumas obras fundamentais; ledó e belo engano. Pois bem. Kant não fugiu à regra do modo filosófico de portar-se intelectualmente. Aceitou as pretensões da humanidade de ir além de si mesmo, contudo limitou o conhecimento desse além; coisa de grande valia.

Com efeito, este ensaio realmente nos mostra que o espírito da filosofia kantiana, que pese transcendentalmente apontar ao incondicionado, tende ao mundo empírico, espaço onde vive o homem comum com suas aspirações subjetivas. A filosofia kantiana não está dissociada da existência do homem comum. A lógica, ferramenta usada para definir o conceito de filosofia, irradia tal definição (por ser a lógica forma em geral) para todos os escritos filosóficos de Kant; é a filosofia sabedoria que sabe em várias áreas de atuação do homem, que é um sujeito comum, que cotidianamente vive.

Para compreender o estatuto do transcendental e o alcance de sua descoberta, é preciso, talvez, começar com uma perplexidade diante de uma metáfora famosa: uma revolução copernicana que, em vez de fundar um sistema heliocêntrico, faz o fenômeno girar em torno do observador leva a pensar - pelo menos aparentemente - em uma “revolução ptolomaica” (TORRES FILHO. *O espírito e a letra*. Pg 64).

Com isso, podemos finalizar afirmando que este sujeito que faz o objeto girar em torno de si tem uma vida, existe como pessoa, que convive com outras pessoas, que ama, odeia, mente, fode, etc. tais pessoas. Ora, Kant ao retirar da metafísica o seu caráter cognitivo, quis ao mesmo tempo, reaver a sensibilidade por meio de uma antropologia, do mar da inutilidade, a qual estava imersa. O espírito da filosofia

kantiana tende a promover uma apreciação e uma relação de tendência à experiência sensível. Quando afirma que a filosofia é uma doutrina do mundo, diz, ao mesmo tempo, que a filosofia concerne àquilo que se passa na esfera própria da tangibilidade. Ou seja, dos conceitos em relação à sensibilidade e da experiência sensível em relação aos princípios do entendimento. Kant levou a sério a sensibilidade, sendo, pois, o “advogado da sensibilidade” (Leonel Ribeiro dos Santos). Que pese este escrito ter uma grande pretensão, ele não pode abarcar e explicar todas as noções esboçadas aqui, por conta de ser apenas uma propaganda de algo que merece uma extensão maior; tampouco, o autor se exime de ser mais um artista da razão, uma vez que está reproduzindo as ideias de Kant. Portanto, a filosofia kantiana concerne e preocupa-se, fundamentalmente, com o mundo empírico e com os homens que subjetivamente integram tal mundo.

Referências

- KANT, I. *Crítica da Razão Pura* (Tradução: Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão). Lisboa, Fundação Calouste Gulbekian: 2001.
- _____. *Lógica* (Tradução do texto original estabelecido por Gottlob Benjamin Jäsche de Guido Antônio de Almeida). Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro: 1992.
- _____. *Crítica da razão prática* (Tradução: Valério Rohden). São Paulo: Martins fontes, 2002.
- _____. *Crítica da faculdade do juízo* (Tradução: Valério Rohden e Antônio Marques). Rio de Janeiro, Forense Universitária: 2008.
- _____. *Antropologia de um ponto de vista pragmático* (Tradução: Célia Aparecida Martins). São Paulo, Iluminuras: 2006.
- SANTOS, L. R. *A razão sensível: Estudo kantianos*. Lisboa: Edições Colibri, 1994.
- _____. *Metáforas da razão ou a economia do pensar poético kantiano*. Lisboa. Calouste Gulbekian: 1994.
- TORRES FILHO, R. *Ensaio de filosofia ilustrada*. São paulo: Ed. Brasiliense, 1987.
- _____. *O Espírito e a letra*. São Paulo, Ática: 1975.